

NOVOS MARES, NOVOS OLHARES: O PERCURSO DE ANGELA LAGO DO LIVRO AO SITE.

Profa. Ms. Maria Andrade dos Santos¹ (FIESI/UPM)

Resumo:

Tendo como objetivo inicial desvendar a literatura na internet, percorremos o caminho da descoberta através das obras de Angela Lago, livros e site. A partir deste percurso livro-site, podemos constatar que Angela Lago escritora trilhava o caminho da intertextualidade, da sobreposição visual e verbal, do hipertexto, um percurso que certamente a levaria e a levou ao site. Um site, como tantos outros, onde podemos encontrar a imagem, o som, o movimento, e a tridimensionalidade, mas esta que também encontramos em seus livros, livros com imagens/cor/movimento, palavras/som. Mostrando desta forma a alinearidade dos livros, ou linearidades múltiplas, e linearidade do site. Para este artigo nos utilizamos de seus livros: O Fio do Riso (1) e Chiquita Bacana e outras pequetitas. (2)

Palavras-chave: Ciberliteratura 1. Hipertexto 2. Angela Lago 3. Intertextualidade 4. Sobreposição 5.

Introdução

Aliados à tecnologia vivemos este outro espaço - ciberespaço - e num outro tempo . assincrônico e sincrônico (multissincrônico) - e é nesse espaço que passamos a construir o nosso conhecimento, desenvolvendo capacidades e habilidades, já que o conhecimento não envelhece e a circulação de novas informações é cada vez mais intensa e rápida. Desta forma aliando as duas: literatura e internet, surgem os espaços literários virtuais (ciberespaços literários), porém, contrariando o que se prognosticou num primeiro momento, as novas mídias não fizeram arrefecer a produção literária, esses espaços criaram novos conceitos, a literatura deixa de ser um texto veiculado apenas no suporte impresso e passa a ser veiculada como um hipertexto (virtual), junto a novas formas como a imagem, agora com movimento e som, mas não é o cinema ou a televisão, agora surge um espaço em que todas as mídias se fazem presentes. Não há mais a necessidade de trabalhar com a linearidade, as páginas não são mais viradas da mesma forma, há formas mais abrangentes, e porque não dizer interativas.

Surgem então locutores e alocutários interagindo e mudando de papel a todo instante, surge uma literatura (um novo discurso literário) não mais unilateral, ainda que esta não deva ser deixada de lado, uma literatura abrangente, talvez agora mais transformadora, mais incluyente ainda sem fronteiras. E é a partir deste novo conceito que se fez a presente comunicação.

Este parte da pergunta de como seria a literatura feita na e para a internet, como esta se apresenta, se diferente dos livros. Para que a pesquisa se realizasse, foi escolhida a autora de livros para crianças, Angela Lago, uma das primeiras a construir um site literário, uma autora altamente premiada e reconhecida, uma autora que não levasse à dúvida sobre sua qualidade literária, escritora, ilustradora, ciberescritora e ciberilustradora, para tanto foram pesquisadas: sua biografia e obras com suas devidas premiações; duas de suas obras, que serão apresentadas de forma mais abrangente: seu primeiro livro publicado O Fio do Riso um conto aparentemente simples cuja menina foge da realidade a partir de um elemento da modernidade, o telefone, relacionando-o ao mítico (fada), do mundo real para o mundo do imaginário (virtual); o último, antes de iniciar o seu site, Chiquita Bacana e outras pequetitas - conta a história também de uma menina, porém esta tem seu espaço invadido por elementos do imaginário (duendes), um livro com excesso de detalhes, pormenores, onde a intertextualidade e a intratextualidade se fazem presentes através de sobreposições de imagens, e textos que levam a uma não linearidade, ou a uma linearidade diversa e pessoal da leitura, elementos que levam a pensar na virtualidade que se fará presente na internet, em

seu site. Por último a apresentação de seu site enfatizando uma possível linearidade a partir de uma mídia finita que na verdade previsível, apesar de múltiplas possibilidades de leitura, tentando assim mostrar que tudo está previsto pelo autor e que este nos direciona ao (re)contar, ou ao (re)navegar do internauta em seu site interativo.

ANGELA LAGO ON-LINE . DA POESIA VISUAL AO TEXTO VIRTUAL

Angela Lago, uma das mais destacadas e premiadas escritoras/ilustradoras da literatura para criança, cria em 1990 seu site www.angelalago.com.br. Trata-se de um site cuja interação se faz presente desde a abertura.. A partir de sua iniciação em informática, Angela Lago, uma das primeiras escritoras brasileiras a criar um espaço literário na internet, dedica parte de seu tempo a criação *neste* e para *este* suporte. Sua literatura no ciberespaço, como em seus livros, manifesta intertextualidade, movimento e musicalidade. Para discutir Angela Lago e seu ciberespaço teorias sobre o hipertexto e literatura, intertexto e intermídia se farão presentes neste artigo, fornecendo-lhe fundamentação teórica. Tanto Mallarmé (1842-1898) (apud Machado, 2001 p.165) (3) que sonhava o livro múltiplo, capaz de abranger todos os outros (Le livre de Mallarmé) quanto Walter Benjamin (1927-1940) (4) em Livro das Passagens de Paris a capital do XIX (2006) são autores que já pensavam nas multiplicidades de leitura, no hipertexto, ao lado de Pierre Lévy (1999) e George Landow (5)(1997) autores que fazem parte dos teóricos que discutem e escrevem neste espaço chamado virtual na atualidade. O ciberespaço, que segundo Lévy (6) é um objeto comum, dinâmico, construído, (ou, pelo menos, alimentado) por todos aqueles que o usam, algo que adquiriu este carácter de não separação por ter sido fabricado, aumentado, melhorado pelos informáticos que foram, inicialmente, os seus principais utilizadores. Desta forma é no ciberespaço que a virtualização se dá com mais intensidade. Surge então a literatura virtual. Mas para definir o que é literatura, este trabalho segue o pensamento de teóricos como J. Culler (7) que discute a literariedade dos fenômenos não-literários (1999, p. 26), ou seja, postula que qualidades encontradas em textos literários também são importantes para a boa escrita de textos não-literários. Antes da escrita o homem já construía e contava as suas histórias, passando depois a valer-se da escrita, seja a cuneiforme, ou a alfabética, no códex ou no livro. É nesta tradição que surge hoje a literatura na internet, a ciberliteratura. Pode-se discuti-la através da noção de cibercultura, definida pelo suporte, pois para Lévy (6) a cibercultura é o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento, e de valores desenvolvidas na rede eletrônica. (1999). Ou seja, a ciberliteratura seria desta forma a literatura nesta nova rede.

Vemos hoje na internet uma literatura que tende a voltar à literatura que também é considerada boa literatura, que possui literariedade, a literatura oral, que em algum momento foi modificada e também passou a fazer parte do livro. Agora a literatura oral parece estar nos blogs e sites populares, ganhando e efetivando seu caráter popular, de ensinamento, de entretenimento, a literatura oral na escrita, a ciberliteratura de múltiplos autores. Para Levy (1999)

Aqui chamarei de boa literatura aquela que a crítica também passa a reconhecer como literatura, apesar de sua popularidade. aparecimento da escrita acelerou um processo de artificialização, de exteriorização e de virtualização da memória que certamente começou a hominização. Virtualização e não simples prolongamento;ou seja, separação parcial de um corpo vivo, colocação [...] Ela fez surgir um dispositivo de comunicação no qual as mensagens muito frequentemente estão separadas no tempo e no espaço de sua fonte de emissão e portanto são recebidas fora do contexto[...]

A ciberliteratura é, pois, literatura virtual, aquela que não se vale apenas de palavras, mas também de imagem, movimento e som. Ela não é apenas a transposição de um texto já pronto e feito fora deste suporte, mas uma literatura feita neste e para este suporte. O ciberespaço como tantas outras mídias, que foram surgindo através dos tempos, é capaz de abraçar todas as outras. É preciso,

porém, lembrar que o que faz um suporte funcionar desta ou daquela forma, é o que é veiculado (a obra também faz parte da ciberliteratura) e também o tipo de leitor a que se dirige, como Landow (5) relaciona à polifonia de Bakhtin, que sustentava a coexistência de diversas vozes na narrativa, ao hipertexto:

In terms of hypertextuality this points to an important quality of this information medium: hypertext does not permit a tyrannical, univocal voice. Rather the voice is always that distilled from the combined experience of the momentary focus, the lexia one presently reads, and the continually forming narrative of one's reading path. (1997, p.23) ¹

Algumas vezes em blogs, fóruns, chats, sites interativos parece que retomamos a tradição oral. Mas a retomada ocorre com uma grande velocidade de interação associada à quantidade, à distância ou à ausência de distância, pois a interação não estará ligada um-a-um . autor/leitor, mas a um autor inicial, que não se determina necessariamente, e a diversos leitores ou navegadores, como propõe Chartier (8) (1998), em A aventura do livro, do leitor ao navegador no ciberespaço. Leitores e autores poderão interagir diretamente e, às vezes, proporcionalmente na mesma velocidade e abrangência, abrindo-se ainda a possibilidade de uma leitura que associa texto, imagem e som, aumentando assim o espaço do leitor, mas de um leitor que deve estar apto às diversas leituras permitidas e mesmo incentivadas pelos intertextos, no hipertexto.

Este hipertexto (na rede eletrônica) num certo sentido nada mais é do que um .emaranhado. de textos que se relacionam diretamente, bastando um click e um novo link se apresenta, para um novo hipertexto ser encontrado. Parece que as linhas do texto não são mais linhas, mas multi-links, como se houvesse novos textos dentro de um primeiro, sempre surgindo novos. Talvez o conceito de intertextualidade agora se complete, concebendo o hipertexto como Landow: Hipertexto sendo usado como blocos de texto, o que Barthes denominou lexia, e os links que se juntam a eles, conexão de diversos nós, uma espécie de mapa com caminhos diversos, mas conectados por pontos acessáveis que refletem uma organização aparentemente mais pessoal e menos linear que outros suportes. Desta forma para Lévy (9)(1996, p.49): Se ler consiste em hierarquizar, selecionar, esquematizar, construir uma rede semântica e integrar idéias adquiridas a uma memória , então as técnicas digitais de hipertextualização e de navegação constituem de fato uma espécie de virtualização técnica de exteriorizações dos processos e leitura. A intertextualidade que agora . na era digital se apresenta não é apenas implícita. Ao contrário, a intertextualidade agora é uma possibilidade de conexão direta a outros textos, pois basta um *click* e o novo texto se apresenta, permitindo assim a capacitação do leitor no momento e ao longo da leitura. Assim algo que antes, no livro, deveria ser anterior, com a internet passa a ser simultâneo, ou ainda o Livro do sonho de Mallarmé, a possibilidade de muitos textos em um mesmo espaço, um espaço central.

Do ponto de vista literário não há textos isolados, solitários: são todos frutos de outros, uma retomada de outros, e isso pode ser ainda melhor percebido neste novo espaço, neste espaço chamado de virtual, permitindo assim uma discussão ainda maior sobre a intertextualidade ou - melhor dizendo - sobre a nova intertextualidade que se apresenta neste espaço dito virtual, que segundo Lévy (1996, p.22) é como se todos os textos fizessem parte de um texto, so que é o hipertexto, uma polifonia virtual e potencial. Dado que a intertextualidade é a menção, citação, alusão ou cópia de algo já existente, esta conectividade se manifesta de forma mais evidente e possível de materialização no espaço contemporâneo virtual: a Internet. A intertextualidade agora se dá através dos nós da www (world wide web) esta imensa rede que põe em circulação informações, literárias ou não, adequadas ou não, reconhecidas ou não; Um espaço que pode assumir qualquer aspecto, dependendo do gosto do leitor, e, em certos momentos, pode criar um mundo novo dentro de um ambiente não palpável, imensurável , segundo Eagleton (10) (1998, p. 9) ou ainda Machado

¹ em termos de hipertextualidade, ele aponta para uma qualidade importante deste meio de informação: o hipertexto não permite uma única voz tirânica. Mas sim, a voz sempre é a que emana da experiência combinada do enfoque do momento, da lexia de que um está lendo e da narrativa em contínua formação segundo o próprio trajeto da leitura..(tradução nossa)

(3)

... seria algo assim como um texto escrito no eixo do paradigma, ou seja, um texto que já traz dentro de si várias outras possibilidades de leitura e diante do qual se pode escolher dentre várias alternativas de atualização [...] uma imensa superposição de textos, que se pode ler na direção do paradigma, como alternativas virtuais da mesma escritura, ou na direção do sintagma,[...] permitindo optar... (2001, p.186-188)

Neste novo espaço a inter e a intratextualidade se evidenciam, surge a possibilidade de diversas artes se conectarem, nele as linguagens se entrelaçam, permitindo a junção da música (som), da imagem (movimento, cor) e das palavras como já vimos, ou seja as diversas artes podem ser conectadas ao mesmo tempo. Mas além disso, surgem sites que possibilitam a interação destas linguagens de forma concreta. Como o poeta concreto sonhou, a poesia se concretizou na internet. Como se vê em muitos sites, surge neles concretamente, a poesia visual que já era possível no papel, porém sem dispor de interação, ou intervenção direta do leitor como em vários sites: www.poesiavisual.com.br, também o poema concreto agora se manifesta em sua totalidade e com total interatividade do leitor, como nos sites dos poetas concretos como: de Haroldo de Campos: www2.uol.com.br/haroldodecampos/home.htm; de Augusto de Campos: www2.uol.com.br/augustodecampos/home.htm, ou mesmo no site livre conhecido como youtube: www.youtube.com.br. O sonho de Mallarmé poderia estar se aproximando já no holopoema por ser tridimensional, paradoxal, como no poema Luz/Mente/Muda/Cor de Augusto de Campos anterior ao site (versão holográfica de Julio Plaza) que adquire forma dinâmica a qual no papel, como neste trabalho, seria impossível. É neste contexto que se inscreve o site de Angela Lago ciberescritora, ou ciber-ilustradora, que apresenta um texto virtual - um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor segundo LÉVY (6)(1999). Um autora que já buscava ampliar suas possibilidades nos livros e depois também no site. Em sua fala abaixo concedida em entrevista comprovamos esta materialidade do livro ao site:

Estou com jogos novos, já usando a linguagem mais sofisticada. Mas a internet, com essa linguagem, nos ajuda tanto a aprender, que estou voltando a uma coisa que era proibida há até pouco tempo: ensinar! Fomos proibidos de ensinar. Como se a literatura, e não o artista, vivesse na torre... A literatura vivia na torre. Ela não podia ensinar, ela não podia ter ética, isso dos 70 para cá. E agora, graças à internet, estamos nos permitindo de novo ensinar e aprender, que é uma grande brincadeira também, uma grande diversão.

Um site que será analisado parcialmente mais a frente e que será apresentado como interativo e por que não dizer didático.

ANGELA LAGO EM LIVROS: UMA ANÁLISE HIPERTEXTUAL

3.1. O FIO DO RISO: DO REAL AO VIRTUAL, DO VIRTUAL AO REAL

Primeiro livro de Angela Lago, lançado pela editora Vigília em 1980, após três anos de sua criação. Um livro ilustrado, colorido em cores suaves de aquarela onde acontece a junção de texto e imagens, caminhando em uma mesma direção. Suas dimensões em tamanho tradicional de livros infantis. Neste livro apenas no início de sua carreira, Angela Lago faz uso das formas tradicionais e populares de texto, uso de rimas populares, feito em oitavas, com a presença de adivinhas, ilustrações esperadas sem sobrepor ao texto, mas emoldurados duplamente, no próprio desenho e pelas margens do livro. Percebemos ainda o surrealismo na mistura do encantamento e realidade (fada – telefone), um livro para crianças com imagem, movimento, cor e musicalidade. Algo que se fará presente também em seu site. A fim de ilustrarmos os elementos tradicionais e não tradicionais deste livro faremos uma pequena análise do verbal e do visual a partir da construção da história com alguns detalhes.

Começando pela capa onde há desenhos que reaparecem nas páginas do livro, acaba ostenta bordas (molduras) relacionadas a elementos da natureza, cobras, pássaros, flores e até mesmo o arcoíris. Percebemos aqui já o uso de muitos detalhes que farão parte das obras de Angela Lago. Na página de rosto há uma ilustração, algo que se torna comum em seus livros, o uso da ilustração no paratexto, neste a imagem da menina (dentro de um apartamento) atrás de uma janela de vidros parcialmente aberta e no parapeito se encontra um vaso de planta e do lado de fora está um pássaro voando que parece carregar o arcoíris (elemento mítico) para cima.

O livro conta a história de uma menina loira, que se inicia com a tradicional frase de conto de fadas: **“Era uma vez** a menina conhecida como Nina”, um conto narrado em terceira pessoa, mas que às vezes dá voz à personagem desenvolvendo-se então a narrativa em primeira pessoa, tornando-se como se con(can)tada, uma história toda rimada em rimas paralelas, com versos redondilhos, medida tradicionalmente conhecida das cantigas populares, da oralidade, aparecendo desta forma as falas das personagens, ainda com estrofes em oitavas.

O início da história sugere que Nina era sozinha, aparentemente triste, a ilustração a mostra com olhos fechados, cabisbaixa. Já na primeira página seu isolamento é proposto pela imagem, e pelo texto, Nina no canto da cozinha onde está Maria, que só fazia companhia ao fogão panela e pia, mas Nina aparece fora do desenho central, fora da moldura, sugerindo o seu não enquadramento à realidade, enquanto Maria emoldurada pelo ambiente da cozinha; a página registra ainda algo saindo da panela, como estrelas (sabor, cheiro) ultrapassando a moldura. Aqui já percebemos a primeira subversão da ilustradora com relação à moldura algo que se fará presente em outros livros de Angela Lago: o isolamento de Nina fora da moldura, e na imagem da panela de Maria de onde saem as estrelas que ultrapassam as bordas da cozinha, da imagem. O texto verbal também mostra que Nina era solitária no seu mundo real: **“Ai, ai, ai, mas que tormento/viver neste apartamento”** Nina liga diversos números, alguém atende. É uma fada, Plimplinar que passa do mundo imaginário (virtual) para o mundo real, através de um telefone, um meio de comunicação moderno. Percebemos que texto e imagem seguem uma mesma direção, “a ilustração está, como é usual em livros para crianças, a serviço do texto. A seguir temos Nina na imagem central usando o telefone, emoldurada e como se carregada por pássaro, desta vez nuvens fora da moldura. Do outro lado da linha telefônica está Plimplinar, também emoldurada, porém por um arcoíris, uma moldura arredondada, muito sugestiva: uma redoma para um outro mundo, próxima aos elementos da natureza, flores, animais, uma fada. Neste contexto cabe ao leitor aceitar ou não este novo universo: se continuar a leitura significa aceitação. Nina consegue convencer a fada, na página seguinte passa pelo telefone, como se fosse levada por ele, junto com um arcoíris. Também no texto escrito tenta convencer a fada a levá-la. (do real ao virtual/fantasia) Texto e imagem vão em uma mesma direção, dizendo as mesmas coisas. Surge aqui a presença de um caramujo, uma futura intertextualidade pela imagem, a qual Angela tornará a usar em seu site, no ciberespacinho - elementos da natureza se fazem presentes, todos fora do tradicional: sapo de cueca, formiga com guarda-chuva montada na tartaruga de peruca, uma casa sob o casco do caramujo, e assim prossegue a história. Na sequência novamente a presença da intertextualidade na imagem do pato de sapato, alusão ao poema-narrativo Pé de pilão de Mario Quintana publicado em 1968. O texto dá sequência à história pela fala da coruja de óculos que está lendo sobre livros e fazendo perguntas, como um Juiz. Chama Nina de atrevida e junto com vários animais, - aparentemente ainda mais zangados que a coruja - desafia Nina. Vemos que neste trecho o desafio é montado agora em quadras, enquanto no restante do livro as estrofes são apresentadas em oitavas, agora a intertextualidade do texto se dá com a forma popular (tradicional) das adivinhas, as quadrinhas, ou mesmo do desafio. Na cena seguinte a imagem do filósofo Kant (1724-1804) com a boca tapada por um adesivo é apresentada em uma moldura redonda e a pergunta **“– O que foi que disse Kant?”** Ambos se complementam, se duplicam em alusão a frase de Kant – **“Podemos julgar o coração de um homem pela forma como ele trata os animais...”** Percebemos aqui a intertextualidade com o filósofo, ainda neste há também o uso da metaligagem na figura da coruja a ler, aqui novamente

imagem e texto se repetem. Encaminhando-se para seu final a imagem representa o vento a soprar e Plinplinar manda Nina de volta. Caso contrário ela mesma (Plinplinar) iria rir. O texto inicial se repete, mas Plinplinar aparece agora em sua moldura, como em uma janela, e Nina é soprada de volta. A seguir a imagem de uma janela no centro da página, como na primeira, porém a imagem de Nina, parece estar representada pelo arcoíris, seguindo o caminho do vento que adentra a janela, mas nesta imagem o pássaro está pousado e uma formiga que no início estava no fio do telefone, agora está próxima ao vaso da janela. Não vemos mais Nina que está em seu apartamento. O texto termina com Nina zangada, pois agora Maria diz rindo que Nina sonha acordada: - “ **Que menina engraçada,/esta que sonha acordada.**” Agora Nina não quer ser feita de piada, visto somente no texto verbal. Nina volta à realidade. Volta ao seu lugar, ao início onde a realidade predomina, dando a possibilidade de reiniciar a leitura do livro, buscar as informações iniciais e completar o ciclo, o arcoíris que inicia a história no bico de um passarinho, fecha a história trazendo Nina de volta. Aqui a presença da circularidade do texto, é apresentada ainda que subjetivamente, do real ao virtual, do virtual ao real.

3.2 CHIQUITA BACANA E OUTRAS PEQUETITAS . DA SOBREPOSIÇÃO DE IMAGENS À SOBREPOSIÇÃO DE TEXTOS, A INTERTEXTUALIDADE EM PARCERIA COM O HIPERTEXTO

Como em **O Fio do Riso**, **Chiquita bacana** é um livro infantil de Angela Lago, que foi publicado em 1986, pela editora Lê, antes do uso do computador pela autora. Contendo também 24 páginas ilustradas, não numeradas. O livro conta uma história desenvolvida em dois planos: verbal e visual, porém neste o recurso de imagem não pode ser considerado mera ilustração, mas uma complementação da história, ou mesmo, histórias dentro da história, são histórias paralelas.

No plano verbal como em **O Fio do Riso** temos um texto narrado em primeira pessoa, con(can)tado pela menina protagonista da história, cujo espaço é invadido por pequetitas. Um texto narrativo, porém poético todo feito em quintilhas, com métrica regular em redondilha maior, medida tradicional da literatura popular e oral, como das cantigas, cuja sonoridade se faz presente por todo o livro com a presença de rimas, repetições (aliterações, reiteraões) e de recursos onomatopaicos. Conta a história de uma menina que tem sempre seu quarto/sonho invadido (visitado) por 5 pequetitas que vinham da Martinica e em uma noite de lua cheia mais uma vez foi invadido. As personagens invasoras têm nomes onomatopaicos, sonoros, e são personagens da imaginação, do sonho, até mesmo a noite que é de lua cheia pode ser relacionada ao mítico, à imaginação. Estas faziam muita bagunça, mas nesta noite a menina prepara uma arapuca, com doces e objetos e finalmente consegue prender as pequetitas, menos a Chiquita. As pequenas têm xilique, mas a menina as tranca e vai procurar a Chiquita. A menina procura por todos lugares, até que Chiquita apareça e se balance em sua trança, faz juras, ameaças, promete devolver tudo se a menina soltar as pequetitas, como a menina se cansa, solta as pequenas e volta a dormir depois de dizer **Chega de cantilena**. Novamente a presença da música, faz nos remeter a um lenga-lenga muito conhecido na época em que foi feito o livro. Como nas cantigas de roda cantigas populares, as cantilenas.

Quando a menina acorda sua colcha está cheia de bugigangas que as pequetitas deixaram, devolveram o que não pertencia à menina. Surge então a figura dos adultos, a família que questiona e a menina não consegue responder, pois ninguém acredita, desta forma pede ajuda ao leitor. Eis um momento que a chamada pelo leitor é evidenciada, aqui ele é chamado pela personagem, chamado a interagir, a responder, participando da história. **Você que sabe também/Que de noite elas vêm,/Me ajude. Diga a verdade,/Mais alto por caridade.**

No plano visual podemos dividir ainda em dois momentos, aquele em diálogo com o discurso verbal da narradora e aquele que caminha paralelamente, como sugestão de outras histórias, visual/intertextual. Ao relacionarmos o visual ao verbal temos desde o início os nomes das personagens que podem ser associados a sua aparência ou mesmo aos objetos que carregam, como

se metalinguísticos, Chiquita Bacana da Martinica que se veste de casca de banana-nanica, exatamente como na letra da música; Taque-taque cabelo laranja, a roupa é uma caixa de fósforos, cuja marca suposta é taque. Xique-xique cabelo vermelho, um grampo no cabelo, carrega chaves na cintura. Trique-trique, cabelo verde, sua roupa lembra uma toalha de mesa xadrez, vermelha, como a da casa da menina. Tique-Tique, cabelo azul, tampinha na cabeça e um relógio na cintura. (som do relógio). A menina que está em seu quarto, **dormindo**, vestida de pijama vermelho de estrelas azuis, cabelos pretos trançados e amarrados por uma fita amarela. (personagem-narrador/ sonho, noite estrelada, clara e de lua cheia). Há os personagens secundários, que participam da história sem grandes interferências, são a constituição da família: Um bebê, possivelmente o irmãozinho da menina, que só observa a história sem participar diretamente. Pai, mãe e avó que só aparecem no final para, aparentemente, acordá-la, ou trazê-la de volta à realidade. No plano visual temos ainda a ilustração que se utiliza da técnica de pontilhismo, que chama a atenção do leitor para a observação dos detalhes, para uma interação com o livro, como o visual que se divide e se funde ao verbal: **O texto visual em diálogo com o verbal** que é escrito/desenhado sobre páginas soltas no livro, mistura do verbal e visual, numa visão metalinguística do texto e ao mesmo tempo de sobreposição (Grimes, 1972), (11) as páginas soltas de um livro que remetem ao próprio livro, o que se faz presente por toda a obra. A princípio as páginas são presas ao próprio livro (ilustração), mas que vão sendo recortadas ou rasgadas pelas pequetitas. Inicia-se assim a sobreposição: o livro dentro do livro e, na sequência dentro do quarto da menina, que tenta se esconder sob os lençóis. As pequetitas invadem o espaço e na página seguinte estão nos desenhos que mostram como entraram pelas páginas dos livros, e ao mesmo tempo a bagunça que estão a fazer, em uma sobreposição de tempo, as páginas que contam o já visto e o que virá a ser visto, em uma metalinguagem, verbal-visual, visual-visual.

O texto visual intertextual, também se utilizando da técnica de sobreposição de imagens temos a sugestão de múltiplas histórias que caminham em paralelo a principal, evidenciando assim a intertextualidade, a partir de outras personagens como Chapeuzinho vermelho, o pé de feijão, o sapo, o sapateiro e de outras artes como a música (Chiquita Bacana –João de Barros) e a pintura (A menina e o pássaro-alusão a obra de Picasso), antecipando assim a nova intertextualidade da internet, estas caminhando lado a lado com a história principal.

Por último percebemos ainda no plano visual a invasão dos elementos visuais nos paratextos, algo não comum nos livros, mas comuns às obras de Angela Lago. Na contra-capas temos Taque-taque viajando deitada sobre o livro desenhado, alusão ao mesmo livro, como se fosse seu meio de transporte, o seu suporte para o **mundo, sua saída**. Folha de rosto, uma primeira página do livro apenas a imagem da Chiquita pela metade, pois a outra metade está na folha de fim, continuação da ilustração, talvez aqui o início da história como se fosse a invasão da Chiquita ao livro, vindo do fim para o começo, dando a ideia do recomeçar, algo recorrente nas obras de Angela Lago. Viramos a página e, em o que chamaríamos de página de rosto, vemos um livro, porém este livro, parece que será invadido pela Chiquita, que o segura e sugere estar entrando no livro. Vemos desta forma, a suposta invasão do livro sendo concretizada pela personagem. Na capa deste livro interno temos as informações tradicionais. Na página com dedicatória vemos a ilustração de um livro aberto, páginas dobradas sendo viradas pelas pequetitas que estão invadindo também a história. O início da sobreposição de imagens nesta, dentro do livro sobreposto, temos de um lado a dedicatória e do outro a primeira antecipação de cenas, enquanto na parte inferior do livro como em todos, temos informações técnicas. Continuando a descrição do visual temos as ilustrações deste livro ocupando toda a folha, exceto pela margem branca que a autora vai deixar em todas as páginas, emoldurando-as, ainda que as imagens sejam contínuas, ou duplas, porém em algumas páginas a margem também é invadida pelas ilustrações para sugerir a continuidade, portando há a quebra e ao mesmo tempo a continuação, como já mencionamos na análise de **O Fio do Riso**, vemos novamente uma subversão as margens invadidas pelo texto visual.

Quanto ao ponto de vista em algumas páginas temos diferentes ângulos de visão, todas as paredes, e cômodos são vistos ao mesmo tempo, como numa visão cinematográfica, remetendo às novas tecnologias. Quanto ao tempo ainda percebemos este está sendo registrado pelo visual, na substituição, na última página, da lua pelo sol. Insinua-se, assim, que as várias atividades, tão desordenadamente desenhadas no livro tenham transcorrido durante uma noite, também temos as folhas (páginas do livro) que saem pela janela, como se antecipando o fim da história através das páginas. Ao mesmo tempo que a imagem inicial da menina, sob os lençóis, sugere a situação do sonho (ou pesadelo?) Finalmente observa-se a presença ostensiva de livros ao longo de toda a história: um livro que entra voando pela janela, outro parece sustentar um vaso, no quadro da princesa e a ervilha há alguém lendo um livro, na cozinha sob os pés de um armário como apoio, e finalmente sobre o criado-mudo o nome Livro com a letra - **o** - riscada, talvez como sinônimo de livre, liberdade, quando as pequetitas são soltas. A imagem de folhas soltas em todas as páginas, o livro dentro do próprio livro, uma sobreposição que se torna intratextual, as páginas que contam a própria ou a mesma história do livro. Repetindo o já dito, repetindo a mesma cena ou antecipando a sequência da história, caminhando em uma duplicidade visual e verbal. Angela Lago em Chiquita Bacana e outras pequetitas faz uso do recurso da sobreposição de imagem, procedimento que mais tarde pode ser concretizado de outra forma nas histórias de seu site, em seus hipertextos. Esta sobreposição já parece, então, ser uma forma que a autora encontrou de construir histórias com encaminhamentos alternativos, já formando um hipertexto através da sobreposição. Como *links* as páginas soltas do livro (ilustração) surgem sobre cada página, um hipertexto, com muitas informações sobrepostas, aquilo que só contou nos desenhos, o que escreveu e aparece nas folhas soltas sobrepostas, o que irá acontecer, antecipando a próxima cena e a repetição do que está acontecendo ou do que já aconteceu. Todo este jogo sobreposição de imagens e de intertextualidade parece ser uma antecipação do que pode ser feito no computador, só que no livro não precisa clicar, elas aparecem ao mesmo tempo, e ao invés do *click* no *link* viramos a página, porém numa sequência supostamente pré-determinada pelo autor, aparentemente linear e cronológica, mas que neste livro se dá através de diferentes leituras imprevistas em livros, mas que podem ser programadas em sites.

UMA ANÁLISE VIRTUAL : O SITE DE ANGELA LAGO

Como já vimos a propósito de seus livros, Angela inclui neles tridimensionalidade e materialidade ao, por exemplo, valer-se de características físicas do objeto “livro” para construir significados para suas narrativas. Procede da mesma maneira em seu *site*, um espaço voltado às crianças, onde, porém, adultos (pais, professores) são muito bem recebidos. Construído em Flash, seu *site* se abre com uma tela na qual predominam as cores preto e vermelho, e sobre a qual vão surgindo figuras em movimentos lentos.

Podemos perceber ainda que o *site* de Angela Lago – como qualquer *site* – pode ser abordado de forma descentralizada como aponta Landow (5) (1997), um dos mais sugestivos pensadores contemporâneos que se dedica a refletir sobre o hipertexto, pois ao contrários dos textos impressos que propõem um centro, oferecem uma ordem para a leitura, o hipertexto enquanto textos interconectados oferece a possibilidade de movimentos descentralizados, e o leitor vai elegendo temporariamente seus centros.

Vale apontar aqui, que no *site* de Ângela Lago, os itens dos **menus** e **sub-menus** patrocinam remissões intratextuais, isto é, remetem a outras telas, ligações internas estabelecidas entre *lexias* dentro do mesmo sistema ou *site* Landow (5) (1997). Ou seja, o leitor se movimenta entre diferentes telas, sem, porém abandonar o *site* de Ângela Lago.

Uma vez que o objeto desta dissertação consiste nas relações entre Ângela Lago autora de livros e Ângela Lago autora de *sites*, vamos deter nosso olhar tanto em semelhanças quanto em diferenças

que podemos estabelecer entre seus livros – particularmente **Chiquita Bacana e outras pequetitas** e algumas seções de seu *site*, particularmente “*la interminable*” .

No cotejo de livros e de *site*, encontramos uma Ângela Lago on-line como sendo – como também o é em seus livros - uma ilustradora, escritora, contadora de histórias de altíssima qualidade. Mas, *on-line* sobressai também o traço da educadora, isto é, que também deseja ensinar. Esta dimensão por assim dizer **pedagógica** de seu trabalho ressalta, por exemplo, em sua preocupação em dirigir-se diretamente a **professores**, dedicando a eles parte de seu *site*.

Ou seja: seu *site* também ensina ao contar histórias, por exemplo através de informações sobre literatura direcionadas ao professor ou de jogos e brincadeiras propostas. Com isto, o *site* contribui para a alfabetização dos pequenos internautas, trazidos para seu espaço através da lexia “*niñocriançachild*” que substitui a lexia “*Professor/maestro/teacher*” quando esta está ativada.

No entanto, este foco na educação dos internautas, nunca é pesado e é sempre lúdico. Como em alguns de seus livros, há adivinhas a partir das letras do alfabeto, “Como o céu acaba e começa o universo?” Resposta: “Céu – Universo”. Neste exemplo retirado do livro *AEIOU* utiliza-se da letra U, a partir do texto verbal e visual, ou se favorece a familiaridade com os números a partir de um relógio da catacumba: Ao clicar, como exemplo, o número 3 na imagem do relógio surge na tela junto a imagem o texto verbal: e há ainda um concurso de desenhos que incentiva a participação do internauta. O modo pelo qual esta aprendizagem ocorre pode nos remeter a Pierre Levy(2000) fazendo com que a leitura e a escrita mudem seus papéis, dado que com o hipertexto toda leitura é escrita em potencial. É a partir de um site assim estruturado que Ângela Lago abre espaço para um leito virtual em estado de prontidão, conectando-se entre nós, multilinearmente, labiríntico, a interagir com os nós entre imagens, músicas.(SANTAELLA) (12)

No interior de seu *site*, Ângela Lago re-cria em *flash* histórias conhecidas (como **Chapeuzinho Vermelho**), re-visita cantigas infantis tradicionais (como O sapo não lava o pé) faz o leitor participar delas através de atividades de re-escritura.

É neste convite ao leitor para participar da reescritura, que seus *cibertextos* aproximam-se muito de certos traços de seus livros, já apontados aqui. Vale apontar, no entanto, que a liberdade do *leitor* é maior do que a liberdade do *internauta*: no meio eletrônico a liberdade é menor, uma vez que todos os *links* – por mais que eles se multipliquem e, conseqüentemente multipliquem os significados que eles constroem - são direcionados e finitos (definidos pelo construtor do *site*), enquanto a construção de significados para um texto é virtualmente infinita.

Neste sentido, torna-se discutível o significado do adjetivo **interminável** com que a autora nomeia a figura da menina com capa e capuz vermelhos. No hipertexto, devido às possibilidades do suporte, o desenvolvimento da história está limitado ao próprio *site*, havendo desta forma uma interação intratextual que não permite - como o livro permite - uma leitura radicalmente individualizada. No hipertexto, a leitura é sempre gerenciada pelos nós pré-estabelecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS. A linearidade do espaço virtual

Muitos tendem a acreditar na linearidade, na constância e previsibilidade do livro, e ao contrário na não linearidade e não previsibilidade da internet (computador), porém a partir de uma análise feita em dois livros de Ângela Lago, que fazem parte apenas do início de sua carreira: **O Fio do riso e Chiquita Bacana e outras pequetitas** relacionando-os ao seu site www.angelalago.com.br, podemos perceber que no caminho percorrido por Ângela Lago até a construção de seu site, há indícios de que desde o início de seus trabalhos, em livros, a autora já se utilizava de elementos que levam ao hipertexto, e a uma possível não linearidade.

Partindo desta hipótese percebemos em *O Fio do Riso* e em *Chiquita Bacana e outras Pequetitas* que Ângela Lago já trabalhava com a inter e intratextualidade e com a superposição de textos verbais e visuais, quer seja pelo (re)contar através destes textos, ou mesmo pela menção, alusão a outros textos próprios e de outros autores.

Destacamos os pequenos detalhes como: a intertextualidade em *O Fio do Riso*, que no livro só pode ser percebida se conhecida, ou seja, dependendo do conhecimento e/ou atenção do leitor; e do recurso da metalinguagem recorrente em seus textos, ambos apresentados ainda de forma sutil. Ou ainda, em *Chiquita Bacana* podemos perceber que Angela Lago reproduz inúmeros textos, além do central (das pequetitas invadindo o sonho/sono da menina protagonista), através de desenhos extremamente detalhados, com superposição de histórias, histórias paralelas a outras histórias que caminham em uma mesma direção ou não, como no exemplo de *chapeuzinho* (a interminável) em que cabe ao leitor/internauta decidir a direção a ser tomada, uma vez que no livro, Angela já cria as diversas possibilidades de leitura, verbal e visual, como em uma rede virtual (na internet).

Nestes livros como em seu site Angela faz uso de elementos da fantasia (virtual) e da realidade (literária ou não), nestes realidade e fantasia se superpõem misturando assim a realidade virtual a realidade real. Podemos perceber ainda que a partir de seu site ocorre uma mudança, pois, devido à mídia utilizada, a estrutura com detalhes excessivos apresentada no livro pode ser apresentada nas páginas do site de forma simples, aparentemente, *clean*. O excesso de detalhes dá lugar aos nós que se fazem presente neste novo hipertexto. Os *links* permitem a escolha imediata do internauta se este quiser interagir com as histórias, a interação do internauta se dá ao clicar nestes *links* já pré estabelecidos, caminhos direcionados com imagens, movimentos e sons que se apresentam de forma direta.

Deste modo relacionando livro e site temos aparentemente, a exigência de um leitor mais preparado no livro, a fim de que possa perceber, conhecer e voltar a leitura permitindo assim que possa (re)conhecer as diversas histórias que se apresentam, porém estas informações já devem ser conhecidas previamente para que o leitor possa entender na totalidade, porém no site, ao contrário, este apresenta uma maior facilidade ao leitor/internauta, pois neste suporte aparentemente simples, basta um clique e as páginas vão sendo apresentadas com poucas informações, porém com diversas possibilidades de chegar a outras informações, neste caso cabe ao leitor/internauta continuar ou não o caminho, se deseja ou não conhecer o todo, mas que este só conhecerá se continuar clicando, ao contrário do livro que pode/deve retornar diversas vezes para chegar ao final das diversas histórias, ou simplesmente fechar o livro a partir de uma primeira leitura já concluída.

Obras Citadas

1. LAGO, Angela. *O Fio do Riso*. São Paulo : lê, 1980.
2. —. *Chiquita Bacana e outras Pequetitas*. São Paulo : Lê, 1986.
3. MACHADO, Arlindo. *O desafio das poéticas Tecnológicas*. São Paulo : edusp, 2001.
4. BENJAMIM, Walter – (1927-1940). *Livro de passagens de Paris a capital do XIX*. Belo Horizonte e São Paulo : Editora UFMG e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo , 2006.
5. LANDOW, Georgel P. *Hypertext - The convergence of contemporary critical Theory an technology*. Maryland : The John Hopkins Univertisty Press, 1997.
6. LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo : Editora 34, 1999.
7. CULLER, Jonathan. *Teoria Literária, uma introdução*, tradução de Sandra Guardini R. Vasconcelos. São Paulo : Beca, 1999.
8. CHARTIER, Roger. *A aventura do livro, do leitor ao navegador conversações com Jean Lebrun* – tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo : UNESP, 1998.
9. LÉVY, Pierre. *O que é virtual*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo : Editora 34, 1996.
10. EAGLETON, Terry. *Literary Theory:an introduction*. USA : Balckweel publishing, 2005. [1].
11. GRIMES, Joseph E. *Outlines and Overlay*. Papua New Guinea : Language, 1972.
12. SANTAELLA, Lúcia. <www.pucsp.br/pos/cos/epe/mostra/santaell.htm>. [Online] PUCSP.
13. COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*. . São Paulo : Editora Nacional, 1995.

14. CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. Tradução Fulvia L. Moreto. São Paulo : Unesp, 2002.
15. PALACIOS, Marcos. < http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/palacios/hiper_texto.html> . Hipertexto, fechamento e uso do conceito de não-linearidade discursiva. [Online]

- i Autora - Maria Andrade dos Santos, Prof^{fa} Mestre – Instituição de Ensino Santa Izildinha(FIESI) / Universidade Presbiteriana Mackenzie, (comunicação e letras) – email : andrade.prof@globo.com
- mara.prof@uol.com.br